

# **GESTÃO ESCOLAR NA INCLUSÃO DOS CADEIRANTES NA EJA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE PERNAMBUCO**

## **Eixo temático V: Inclusão e Gestão escolar**

**Suely Marilene da Silva<sup>1</sup>; Ramon Gadelha<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), E-mail: suely.marilene@gmail.com;

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), E-mail: fernandacgcarvalho@gmail.com

## **RESUMO**

Este trabalho apresenta a trajetória da educação de jovens e adultos e em particular em Pernambuco estabelecendo relações com os diversos contextos históricos a partir das políticas públicas implementadas desde a Colônia até os dias atuais e identificando os mecanismos de acesso, permanência ou exclusão nessa modalidade de ensino no que diz respeito à educação formal. A análise efetuada mostra que a educação de jovens e adultos tem caráter discriminatório e assistencialista, e aponta o que está sendo feito para promover a inclusão dos indivíduos que nela estão inseridos. Aborda também a importância da inclusão educacional para os cadeirantes da Educação de Jovens e Adultos que necessitam de um atendimento diferencial; Para isso apresenta a educação de jovens e adultos num conceito ampliado para entender os sujeitos envolvidos, o meio onde se ocorre, as dificuldades encontradas, e quais adaptações são necessárias para o aluno cadeirante no espaço em que vive. Relata o início da Educação de Jovens e Adultos e a educação inclusiva bem como os dilemas e desafios.

**Palavras Chaves:** Educação jovem e adulta, cadeirantes e inclusão.

## **INTRODUÇÃO**

Pensando na responsabilidade de transformar nossas práticas, ultrapassando alguns obstáculos existentes faz-se necessário a realização de estudos que visem a inclusão dos cadeirantes na EJA, garantido o direito de todos. Apesar das relevantes reflexões existentes, é perceptível a necessidade de mais esclarecimentos sobre a inclusão dos cadeirantes na EJA.

O ambiente escolar é um campo amplo, porém são poucos os artigos que mencionam as pessoas em cadeira de rodas na escola. A busca de intervenção passa a ser para esse trabalho um desafio metodológico e prático para a população que utiliza cadeiras de rodas.

Para professora Maria Teresa Eglér Mantoan, escreve sobre os conceitos de igualdade e diferenças e sobre o direito à educação de qualidade para todos. A professora Rosângela Gavioli Prieto, escreve sobre o atendimento escolar com alunos com necessidades especiais e suas implicações, a partir das políticas públicas de educação no Brasil e sua articulação com a formação do professor.

Segundo Maria Teresa Eglér Mantoan alerta sobre algumas situações discriminatórias contidas em programas de inclusão escolar, que deveriam basear-se na justiça para todos. A inclusão, segundo a autora, é uma denúncia sobre a homogeneização estabelecida pelo sistema escolar, sem levar em conta as diferenças peculiares de cada um, aumentando a desigualdade social em favor da exclusão. Refletindo sobre as diferenças biológicas e sociais, afirma a necessidade de as diferenças sociais serem eliminadas.

A autora ressalta que o discurso da modernidade, ao sustentar uma organização pedagógica onde todos são iguais, nega as diferenças que compõem a tessitura do cotidiano escolar. Assim, esse discurso não gerou a “garantia de relações justas nas escolas” (p.19) e muitas escolas que afirmam tratar das diferenças de seus alunos ainda se sustentam em critérios niveladores para passagem de séries.

Incluir esses alunos nas escolas comuns significa reconhecer as diferenças e de transitar por novos caminhos, estabelecendo relações entre o que se conhece e o que há de se conhecer.

Para Freire “Saber que ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar a possibilidade para a sua própria produção ou sua construção.” (FREIRE, 1996, p.17). É importante refletir sobre a inclusão social em todos os âmbitos, pois num futuro próximo, pois esse tema da inclusão poderá não ser mais viabilizar oportunidades a todos, e sim, adaptar-nos para conviver com a diversidade.

Para Alguns educadores insistem em utilizar na EJA os mesmos métodos que utilizam para alfabetizar crianças: “O ensino de adultos corresponde a uma atividade específica no tecido educativo pelas distinções no método, nas técnicas, nos currículos que devem ser considerados distintos do ensino na infância e na adolescência.” (CARVALHO, 2003, p.95).

Lecionar para uma turma de EJA é diferente de lecionar para uma turma de crianças, pois mesmo não conseguindo compreender totalmente o mundo letrado, os jovens e adultos já trazem consigo uma bagagem proveniente do que viveram.

Para Freire (1996) o professor deve instigar a inquietude e o debate entre os educadores e educadoras, com seus educando isso é problematizar e desmistificar o olhar social dos educando. “É a convivência com seus alunos e na postura curiosa e aberta que

assume e, ao mesmo tempo, provoca-o a se assumir enquanto sujeitos sócio-históricos culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando”. (FREIRE, 1996, p.10)

Quando o educador está com seus educando, o aprendizado se dá numa troca mútua de conhecimentos, pois na medida em que o educador ensina, também aprende. Como afirma Freire (1996, p.23) “[...] quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado”.

## METODOLOGIA

A proposta metodológica para desenvolvimento desta pesquisa foi realizada através da abordagem qualitativa, através do estudo de caso. A observação, que segundo Ludke (1986 p. 26) “possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado”, proporcionou-nos um olhar atento aos dados observados, para compreensão da dinâmica cotidiana de uma escola no que se refere ao atendimento prestado aos alunos cadeirantes da EJA.

A leitura das obras: Pedagogia do Oprimido (FREIRE, 2005), Pedagogia da Autonomia (FREIRE, 1996), contribuíram para me aproximar do pensamento de Paulo de Freire e a compreender as fases que aproximam a alfabetização de uma turma de EJA. Os estudos científicos compõem um levantamento bibliográfico e, de acordo com Gil (1999, p.65), “Sua principal vantagem é possibilitar ao investigador a cobertura de uma gama de acontecimentos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”.

O instrumento de coleta de dados constitui em visita à uma escola municipal de Recife que possui alunos cadeirantes na EJA, e diagnosticar através de entrevistas no ambiente escolar se existe inclusão de cadeirantes e se há acessibilidades para esses estudantes, como também os dados levantar dados estatísticos com realização de análise de conteúdos (SILVA, 2009; FERREIRA, 2008;2009) sobre a verdadeira aprendizagem dos estudantes cadeirantes da EJA de como se encaminha essa inclusão.

Inicialmente foi realizada pesquisa bibliográfica, e documental, a respeito da EJA referente à inclusão de alunos cadeirantes. Logo após foi realizada a algumas entrevistas com a gestão, seis docentes e dois alunos cadeirante no ambiente escolar.

A pesquisa foi realizada em uma turma de alfabetização da Educação de Jovens e Adultos de uma escola da rede pública municipal do Recife. Esta instituição está localizada

em um bairro do Ibura, COHAB, no período matutino e vespertino atende ao Ensino Fundamental e no período noturno, o Ensino Médio e a EJA. Durante o dia, conta com uma diretora e uma secretária e à noite com uma coordenadora da EJA e um secretário, além dos professores.

Os professores contam com o apoio e empenho da direção, que está sempre disposta a os ajudar na superação dos desafios do dia a dia escolar. A maioria dos professores que compõe o quadro pedagógico da escola possui ao menos uma especialização em seu currículum. Lá foram realizadas seis observações com o intuito de analisar a prática pedagógica de uma professora alfabetizadora de jovens e adultos, observando a forma como apresenta o conteúdo a seus educando, bem como quais materiais e estratégias utiliza.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Ao longo da história, a educação de jovens e adultos brasileira teve alguns avanços, como por exemplo, a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (BRASIL, 1996) que assegura à EJA como modalidade educacional na Constituição de 1988 foi um grande marco para a sociedade brasileira, permitindo que as pessoas que não puderam freqüentar a escolas na idade correta, tenham acesso gratuito à educação.

Buscando respeitar a origem histórico cultural de cada educando e suas especificidades e a conclusão do ensino fundamental para os maiores de quinze anos e o ensino médio para os maiores de dezoito anos.

Na escola na qual vivenciamos nossa pesquisa registramos aqui a conversa que tivemos com a gestora Irene Silva onde ela respondeu que “a escola desenvolve ações para qualificar os espaços da escola para adequar a essa nova realidade. Possuímos serviços de apoio com a Orientação Educacional e Secretaria de Educação que orienta as escolas nos processos de inclusão”.

Neste sentido observamos que a escola procura respeitar à autonomia e à dignidade de cada aluno é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. [...] O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia [...] (FREIRE, 1996, p. 66-7).

O aluno pode ser avançado para a outra série quando se observa avanços significativos na sua aprendizagem. Neste caso o aluno no qual entrevistamos é portador de deficiência

física tem 26 anos, e segundo ele esta deficiência ocorreu devida o um acidente automobilístico que afetou seus membros inferiores.

Desde então passou a locomover-se em uma cadeira de rodas sendo necessário um acompanhamento de um profissional especializado que segundo ele não seria necessário, pois as pernas não iriam voltar a movimentar. Sua família no inicio do ocorrido limitou-se, não incentivando a dar continuidade na rotina de sua vida, pensando que, por ele estar naquela situação não iria conseguir vencer esse obstáculo. Mas, com o passar do tempo viram que ele estava precisando de muito apoio e incentivo para voltar aos estudos, porque antes do acontecido ele não se preocupava em estudar.

Ao chegar à sala de aula não se sentiu a vontade devido a não interação que a turma teve com ele. Porém ele deu a volta por cima com sua alegria e força de vontade conseguiu o apoio e o respeito tanto da professora como dos colegas de classe. Sente-se muito bem na escola embora não haja rampa e nem sanitários adaptados, seu maior desejo era superar a dificuldade de ler e escrever, pois em relação aos números ele não tinha nenhuma dificuldade.

Hoje em dia sua professora diz que o aluno esta apresentando um excelente desenvolvimento. Superou a dificuldade de ler, agora, além de ler escreve pequenos textos, e interage com facilidade com toda turma que chega a sentir sua falta quando ele não vem à escola. Este aluno não consegue ver obstáculo que não consiga transpor, pois o percurso para chegar à escola é muito difícil com ruas esburacadas, com calçadas quebradas, e transportes mal estruturados com tudo isso ele não se desanima.

Por isso ele está em uma luta constante em favor de seus direitos participando de tudo que tem acesso a inclusão dos cadeirantes na EJA, com os órgãos competentes, para ajudar não somente a ele, mas a todos os cadeirantes para terem acessibilidade nas escolas, ruas, coletivos e em todos os lugares em que frequenta.

O aluno PNE não deve ficar excluído em salas especiais, ele deve participar do processo, justamente para contribuir para a formação de todos os indivíduos, que através das suas histórias possamos analisar como a nossa vida é boa e não sabe aproveitar. Devemos incluir para fortalecer na sala de aula a solidariedade e o respeito. Isso é fundamental para o avanço das políticas de inclusão.

## CONCLUSÃO

É evidente que o caminho a percorrer é longo e cheio de barreiras, principalmente as atitudinais, para que as escolas da rede municipal de ensino se tornem, realmente,

comunidades inclusivas, pois atitudes de rejeição e descrença em relação aos alunos com necessidades educacionais especiais ainda são muito frequentes. No atual cenário político-econômico brasileiro deparamo-nos com: o estado de desvalorização do magistério; a má qualidade da formação dos educadores; a inexistência, em muitas escolas, de um projeto político pedagógico que conte cole a diversidade dos alunos; a falta de recursos específicos que otimizem a aprendizagem de todos os alunos; o descompromisso de muitas famílias com a educação escolar dos filhos, bem como o caos social e econômico em que muitas se encontram. Contudo, não podemos esquecer que vivemos um processo de mudança que é, ao mesmo tempo, político, social, econômico, pedagógico e histórico e, portanto, lento. Embora cientes das dificuldades, não devemos deixar de reconhecer e publicar os avanços obtidos, pois há uma tendência de se situar determinadas questões como se os estivéssemos sempre começando do zero e nada tivesse sido feito antes, de bom e necessário.

Através desta pesquisa constatamos de que as dificuldades não podem ser justificativas para falta de oportunidades, pois quando se acredita em um sonho e luta realmente por ele, ele se torna realidade. É o grande exemplo do aluno cadeirante da EJA que ultrapassou várias barreiras e ainda continua ultrapassando, mas, nunca pensou em parar. A experiência descrita não visa conclusões, mas a abertura para a reflexão sobre as diferentes possibilidades de construção do processo inclusivo. Nesse sentido, fica o respeito e a consideração à individualidade do sujeito entendendo-o na sua singularidade e especificidade.

## REFERÊNCIAS

ARBACHE, Ana Paula Bastos. **A formação do educador com pessoas jovens e adultas numa perspectiva multicultural crítica.** Dissertação de mestrado Rio de Janeiro papel virtual 2001.

BELLO, José Luiz de Paiva. **Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL.**

História da Educação no Brasil. Período do Regime militar. Pedagogia em foco, Vitória 1993, Disponível em &lt;<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb10a.html&gt;>;

Acesso em: 03 de maio de 2010.

Brasil, Ministério da Educação. **SEESP - Educação Inclusiva: direito à diversidade.** 2004-2005. Documento Orientador. São Paulo, 2005. Corde. Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília: CORDE: 1994. Eja&amp; Deficiência <http://www.ufpe.br/cead/eja/textos/windiz.pdf>

CARVALHO, Maria Alcinia Borges Noutel Fontes da Costa. **Formação de professores em educação de adultos. Estudo de caso: o ensino recorrente na escola secundaria Rodrigues Freitas.** Tese de doutorado faculdade de CC. da Educacion. USC (Universidade da Santiago de Compostela), 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 41<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra. 2005.  
\_\_\_\_\_. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. Paulo Freire: São Paulo. Editora Paz e Terra, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6<sup>a</sup> Ed, reimpr, São Paulo. Editora Atlas, 1999.

GHIRALDELLI Junior, Paulo. **História da Educação Brasileira/Paulo Ghiraldelli JR.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MAZZOTTA, Marcos José da Silveira. **Fundamentos de educação especial**. São Paulo: Pioneira, 1982.

MONTOAN, Maria Tereza Engler. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? E como fazer?** São Paulo: Moderna. 2003.

MANTOAN, Teresa E; PRIETO, Rosângela G. In: ARANTES, Valéria A. (Org.). **Inclusão Escolar: pontos e contrapontos**. São Paulo: Ed. Summus, 2006. 103p.

SILVA, Renata Tafner Elisabeth. Apostila de metodologia científica. Brusque: Assevim (associação educacional do Vale do Itajaí). Miruim, 2006.

SILVA, Renata Tafner Elisabeth. **Apostila de metodologia científica**. Brusque: Assevim (associação educacional do Vale do Itajaí). Miruim, 2006.